

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DISCIPLINA DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO  
ALFONSO ARREDO DE MOURA

1972  
BRASÍLIA  
GRUPO EDITORIAL ABRIL

**O PAPEL DO EDUCADOR FRENTE A ALGUNS DISTÚRBIOS  
DA FALA—ESPECIALMENTE A GAGUEIRA.**



O PAPEL DO EDUCADOR FRENTE A ALGUNS DISTÚRBIOS DA FALA-ESPE-  
CIALMENTE A GAGUEIRA

CLÁUDIA TAVARES VALENTE

Monografia apresentada em cumpri-  
mento ao requisito do Curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Rio de Janeiro  
UNI RIO  
1 9 9 2

• Uma criança tem direito a receber mensagens sãs dos adultos. O modo como pais e professores falam com as crianças lhes ajudará a saberem como devem sentir-se quanto a si mesmos. As declarações deles afetam a auto estima e o autovalor da criança. Em grande parte, a linguagem deles determina o destino delas. Pais e professores devem eliminar a insanidade tão insidiosamente oculta em sua linguagem de todo dia. As mensagens que dizem às crianças para não confiar em sua percepção, negar seus sentimentos e duvidar de seu próprio valor. A conversa dita "normal" que prevalece deixa as crianças alucinadas. Culpar e envergonhar as crianças, pregar e passar sermões, mandar e tyranizar, advertir e acusar, ridicularizar e menosprezar, ameaçar e subordinar, diagnosticar e prognosticar - essas técnicas brutalizam, vulgarizam e desumanizam as crianças. A sanidade só aparece quando confiamos na nossa própria realidade íntima e essa confiança só se aprende pelo processo da verdadeira comunicação. "

(Ginott, citado por Buscaglia, 1982, p. 159)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que utilizam a pedagogia como apoio a sua experiência de vida cotidiana.

#### MEUS AGRADECIMENTOS

A Deus, um agradecimento emocionado, por haver me dado saúde, inteligência e persistência para cumprir esta etapa de minha vida.

Aos meus pais que me deram a vida.

A minha orientadora Antônia Barbosa Píncano, por me transmitir seus conhecimentos, experiências profissionais e de vida, com dedicação.

A todos os meus mestres e colegas, que comigo conviveram e trocaram experiências no decorrer do curso.

E, em especial, ao Juliano, que acompanhou atenciosamente toda a trajetória desse trabalho.

# S U M Á R I O

Capítulo	pág.
RESUMO .....	13
1. INTRODUÇÃO .....	15
2. JUSTIFICATIVA .....	19
3. O PENSAMENTO E ALGUMAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DA GAGUEIRA .....	20
4. ALGUNS INDICADORES DA LINGUAGEM ORAL E SUA RELAÇÃO COM A GAGUEIRA (disfemia) .....	35
5. SITUAÇÕES DE VIDA COTIDIANA QUE INTERFEREM NA GAGUEIRA .....	44
6. CONCLUSÃO .....	51
6.1 <u>Alguns indicadores que aceleram o processo da gagueira</u> .....	51
6.2 <u>Alguns indicadores que auxiliam na redução da gagueira</u> .....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	59

## RESUMO

Este trabalho expressa a importância do papel do educador frente ao distúrbio da fala chamado disfemia.



## 1 - INTRODUÇÃO

### 1.1 - Breve História da Evolução da Linguagem

A linguagem humana é essencialmente um código sonoro, feita através de sons.

Durante muito tempo, antes da invenção da escrita, a língua utilizada era a falada. Aos poucos, porém, o homem foi crescendo e tentando registrar graficamente os sons da fala. Desta forma, surgiu o subcódigo: a conversão da linguagem falada em linguagem escrita. E é preciso não confundir letra e som da fala, pois a nossa escrita não pretende ser essencialmente fonética, mero registro do som da fala. Ela tem um aspecto etimológico. Nossa língua é uma herança cultural. Nossas palavras têm uma origem e uma história.

"Não pode haver comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade, nem estar melhor que sua comunicação - dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade".

(Bordenave, 1986, p. 30)

A história mostra que a atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular, sem tal comunicação cada pessoa seria um universo fechado em torno de si. Através e pela comunicação, compartilha-se experiências, idéias e sentimentos.

Tal linguagem, além de instrumento básico à intercomunicação e a troca de experiências, ajuda, ainda através de

seus símbolos e sinais significativos, a união dinâmica e densa das idéias com o ato de pensar e refletir.

Desta forma, ante a compreensão de que a linguagem é um fenômeno caracteristicamente social, cada idioma há de transpor a tradição, a estrutura, o grau de civilização do sistema social que o usa.

Não é válido porém afirmar que a Linguagem verbal precede o pensamento, dando-lhe origem e sim, ter a consciência de que a linguagem é indispensável, não propriamente à formação, mas ao desenvolvimento do pensar. É através desse enriquecimento nominal (de palavras) da linguagem que se deu chance ao homem de chegar às formas mais categorizadas de abstração, inerentes ao pensamento filosófico e científico. Sem a linguagem o pensamento permaneceria limitado e a própria civilização humana não teria avançado pela não utilização dos elementos da experiência social, da tradição histórica - importantes à cultura e ao progresso material e mental do povo.

Ao ser humano coube a capacidade e a competência de articular fonemas (para o estabelecimento de relações significantes) - sem se negar a linguagem animal e seus indicativos de percepção, emoções. Entretanto, a linguagem humana é algo maravilhoso, metafísico, que não somente exprime comunicação, mas também seleciona, adapta, funde, cria e transforma...

## 1.2 - Evolução da Fala na Criança

A aprendizagem da fala é um processo muito longo e difícil que envolve atividades variadas, as quais dependem não só do amadurecimento físico como também do fator intelectual e do ambiente social.

A aprendizagem da fala requer perfeitos órgãos sensoriais, motores e de articulação, ao lado da evolução normal do sistema nervoso.

Existem vários estudos, indicando que as primeiras manifestações de emoção e afeto são transmitidas à criança ainda na sua vida intra uterina, através da atitude materna de aceitação ou rejeição.

Após o nascimento, a figura da mãe (ou substituta) é de extrema importância já que o contato com o mundo inicia-se através dela.

Desta relação é que dependerá o desenvolvimento harmônico ou não da criança. É muito importante satisfazer a necessidade fundamental do pequeno ser, que é o amor.

Aos poucos, o contato da criança amplia-se e é na família que sua personalidade se delineaia.

É através da voz e da fala que se fará o contato entre a criança e o mundo que a cerca.

é muito importante que tanto o lar quanto a escola saibam preparar a criança para uma vida independente, de forma que esta seja autônoma.

Há cerca de 15 anos atrás, foram produzidos poucos estudos relacionados com a linguagem e seus distúrbios de aprendizagem.

Atualmente tais estudos têm tomado maior dimensão. Um dos motivos pode ser o de que a relação linguagem e aprendizagem não é objeto exclusivo da lingüística, como não pode ser vista separadamente do contexto vivencial - pois tem seu enfoque psicológico (Maria Helena Novaes (1986), Bruner (s/d), Piaget (1923), Luria (s/d), Vigotsky(1991)); seu enfoque psicológico (Bernstein (s/d), Bordieu (s/d)), educacional através das teorias psicolingüísticas de grandes estudiosos como Emília Ferreiro (s/d), Mary Kato (1985) e outros.

Segundo Chomsky, a língua é propriedade biológica do homem; entretanto, não se pode falar o mesmo da escrita (Lernerberg, 1960). Do ponto de vista de tais estudiosos o homem foi constituído dos atos de fala, mas não necessariamente dos atos da escrita.

"A distinção entre fala e escrita não pode, porém, ser vista apenas a nível gramatical. A nível de planejamento retórico, a fala reflete mais o discurso interno do falante, isto é, parece mais isomórfico com o próprio processo do pensamento, enquanto a escrita envolve um planejamento mais consciente, tendo uma melhor legibilidade por parte do leitor e seguindo normas convencionais do estilo e da retórica".

(Kato, 1985, p.27)

Neste sentido, a sociolinguística tem um valor, pois trata os fatos linguísticos quanto suas regularidades e diante das variedades da fala, devendo estar os dialetos em condição de igualdade.

Quando a escola captar tal igualdade de dialeto, muito de suas atitudes quanto ao aluno mudarão.

Daí, meu interesse em estudar os problemas de distúrbios na comunicação oral e escrita na aprendizagem de crianças, em especial a gagueira, pois, considero pelo que foi explanado anteriormente, que muitos dos obstáculos constatados - tanto por quem ensina (principalmente este), tanto por quem aprende, são provenientes da falta de uma consciência histórica, sociológica, médica, familiar e educacional que de algum modo interferem no exato momento no qual a criança apresenta algum desvio e nada é feito conscientemente para ajudá-la ou assegurá-la um apoio ao seu desenvolvimento.

Sendo assim, caracterizo minha introdução com o seguinte pressuposto - FALA E COMUNICAÇÃO: COMO SÃO DEFINIDAS E COMPREENDIDAS E COMO PODE SER TAL PROBLEMÁTICA TRABALHADA A FIM DE SE OBTER UM CONHECIMENTO FRENTE AOS DESAFIOS ENCONTRADOS POR QUEM LIDA COM EDUCAÇÃO?

## 2 - JUSTIFICATIVA

Pensar e praticar educação é efetivamente algo sério e que merece uma constante noção de todo o processo que não so-

mente acompanha àqueles que pertencem à educação, mas também àqueles especialmente que dedicam-se ao tema.

Nada, em minha opinião, soa como isolado ou inócuo, pelo contrário, o meu trabalho possui a beleza de ser estabelecido com variáveis diversas, ricas, criativas - que por vezes mostram-se titubeantes ou carentes - mas, que na realidade, possuem um campo imenso de progressos e realizações. Estas realizações, de certo modo, dependem de mim enquanto professora em sala de aula.

O problema em minha ótica, consiste em tomar decisões adequadas e propiciar desafios aos alunos de tal forma que consigam dirimir ou superar a gagueira tratada aqui como dificuldade relacionada com o ato de aprender e apreender (fixar).

### **3 - O PENSAMENTO E ALGUMAS DE SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DA GAGUEIRA.**

É prioritário, entender o contexto pensamento e palavra bem como a noção dessa estreita relação. Infelizmente, a psicologia não aprofundou muito a importante "interfuncionalidade" desse binômio, analisando e estudando os processos psíquicos (organização mental) de maneira isolada, sem preocupar-se com a menor relação das partes que compõem o mecanismo bio-psíquico do homem.

Logo, para um análise mais detalhada, convém examinar o estudo desses processos - pensamento e linguagem, no que tange as suas variações e desenvolvimentos como um todo pertencente ao processo mental, ampliando-se a idéia de apenas investigá-los como complementos um do outro.

Assim, quanto a essa abordagem, é mister ter a noção introdutória de que de certo modo, o que se conhece sobre o mecanismo intra-psíquico do pensamento está ligado as mudanças que se efetuam dentro da estrutura interfuncional da consciência.

Fala-se muito, até então, entre estudo associado e dissociado entre pensamento e linguagem, no intuito de formar uma resposta, entretanto, a chamada "Análise em Unidades" (Vigotsky, 1991), tenta encaminhar a questão através do pressuposto Unidade entre pensamento e linguagem, não os separando ou isolando, mas sim, tentando analisar e comparar suas peculiaridades e conseqüente inter-relação.

Partindo desse princípio, colocou-se a intencionalidade de estudar a linguagem oral - palavra e pensamento para se iniciar os trabalhos. Paralelamente a esses dados, a psicologia, através de pesquisadores que se dedicam a linguagem, têm se debruçado em análise de estudos que se distancie um pouco da conhecida exploração de que a palavra está ligada aos atos intrínsecos do pensamento. Contudo, é muito enfatizada a idéia de que é no "significado da palavra", que ocorre a rica fusão entre o pensamento e a palavra, originando, assim, a

linguagem verbalizada (Vigotsky, 1991).

Vale ressaltar, ainda, que foi através de diversas análises teóricas sobre a Gestalt e a Psicologia Associacionista, que subentendeu-se uma errônea concepção da natureza do significado da palavra. Por assim dizer, a palavra não é um bem isolado - cada palavra é uma generalização. Todavia, convém frisar a diferença básica de que tal generalização se refere, pois ela está sendo considerada aqui com um sentido amplo do ato verbal do pensamento e traduz as experiências vividas. Daí, pode-se dizer que, quando o significado da palavra coexiste com o pensamento e fala, é neste ponto que toda globalidade e complexidade do fenômeno se fortalece.

Para ilustrar o assunto, busca-se o apoio de Jean Piaget que deu um eminente salto e contribuição à análise do estudo sobre pensamento e linguagem infantis. Piaget (1923) baseou-se e desenvolveu o método clínico de investigação das idéias das crianças enfocando a percepção, a lógica (entre outras) e também desenvolveu uma análise laboriosa, a fim de estruturar a noção simples (e não das dificuldades ou comparações) do pensamento das crianças no tocante àquilo que elas possuem e não naquilo que lhes falta. Desta forma, segundo Piaget, um aspecto que separa o pensamento de uma criança do pensamento de um adulto é analisado de forma qualitativa e não quantitativa ou comparativa, ou seja, elas compreendem tudo que se passa ao seu redor, assim como o adulto, contudo, estes já ultrapassaram algumas etapas internas sabendo, desta maneira, se posicionar diante dos problemas, ao contrário das



crianças. Para tanto, Piaget priorizou tudo que as crianças trazem ao mundo, seguindo a idéia de evolução diante de seus estudos.

Para Piaget (1923), o que norteia a lógica do pensamento das crianças é o egocentrismo peculiar a essa fase infantil. É válido, ainda, ter a noção de que para Piaget, tanto o pensamento egocêntrico como o pensamento autista, até chegar ao pensamento socializado (dirigido, regido pela lógica e experiências) são formas de comunicação. Sendo assim, ele desejou caracterizar o pensamento egocêntrico como a principal forma intermediária de pensamento, entre os quais, o autismo que possui a característica de ser o mais primitivo, a lógica afirmando-se mais tarde e o pensamento egocêntrico como ligação importante.

Desta forma, para compreender melhor tal concepção é válido encaminhar a questão de maneira mais elucidada, pois para Piaget, a fala egocêntrica da criança é uma forma expressiva inerente ao egocentrismo do seu pensamento, o qual, coloca-se como um meio termo entre o autismo primitivo deste pensamento e sua socialização gradual. Segundo, ainda, Piaget a proporção que a criança se desenvolve o autismo desaparece, a socialização começa a se desenvolver, havendo um decréscimo do egocentrismo em seu pensamento e conseqüentemente em sua fala. Todas essas etapas por funcionarem e pertencerem ao pensamento egocêntrico, desapareceriam aos poucos juntamente com o egocentrismo da criança, no início da idade escolar.

Para enriquecer tal abordagem e contrastando com as idéias de Piaget, situa-se Vigotsky (1991). Para este, a fala egocêntrica é um marco das mudanças das funções "interpsíquicas" para as "intrapíquicas" (Vigotsky, 1991), ou seja, da atividade social da criança para sua conseqüente individualização, pois uma vez que o curso natural da criança é a conquista de sua individualização gradativa, que irá auxiliá-la a chegar a fala bem desenvolvida que acompanhará todas as etapas seguintes. Nos estudos de Vigotsky, a fala egocêntrica é semelhante a fala interior. Segundo ele, não acompanha simplesmente as atividades da criança, mas sim, está a serviço de orientação mental, ajudando a criança a superar obstáculos. É uma fala para si e bastante relacionada com o pensamento. Segundo tal análise, a fala egocêntrica evolui e, ao seu término, instala-se a fala interior.

Outros dados importantes, considerados neste modesto trabalho, ao se estudar o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, foram os posicionamentos de Willian Stern (1905).

Os estudos de Stern basearam-se no ponto de vista "genético-personalista", cuja breve noção explicita-se a seguir. Stern, baseou sua teoria, sob o prisma genético antidesenvolvimentista. Para ele, além da propensão expressiva da fala, do aspecto social e da intencionalidade, o homem também alcança a competência de atribuir-se a algo através da emissão de sons. Sendo assim, segundo o autor, esses atos intencionais, já são atos de pensamento.

Em geral, pode-se dizer que as idéias de Stern sobre o desenvolvimento do pensamento são analisadas pelos estudiosos. Entretanto, a divergência surge, no ponto de como tal concepção foi baseada, bem como na idéia de "intencionalidade" do pensamento e da fala, valorizada por Stern.

A deficiência desta teoria, para alguns especialistas, consiste na idéia de explicar um fato pelo próprio fato em si, desprezando a origem de todos os fatos e acontecimentos. Tudo, para Stern, possui caráter intencional.

É importante ter a noção de que muito do que se sabe sobre crianças, está contemplado na teoria de Stern. Entretanto, fica difícil conceber a idéia de que a criança possa ser capaz de realizar operações mentais tão abrangentes e complexas no período da infância. Vale dizer que este impeditivo não é suficiente para negar a capacidade, a inteligência ou habilidade de cada criança, porém, estudos experimentais, demonstram ser na fase entre 7 e 10 anos, o período em que a criança apreende a relação signo-significado.

Além disso, tais operações serão provenientes da transição de fases. Já Stern, acreditava que a criança descobre o significado da linguagem de uma vez por todas, contrapondo-se à idéia de que tais operações seriam provenientes da transição de fases.

Se pudesse realizar-se uma comparação entre a teoria de Willian Stern com as mencionadas anteriormente, seriam en-

contrados alguns pontos obscuros. Um primeiro desses pontos é o que se refere a descoberta da criança quanto a relação palavra e objeto - processo que não se dá rapidamente fato que é peculiar ao pensamento em desenvolvimento. Um segundo ponto relaciona-se com a idéia de que a descoberta desse processo feita, pela criança, é súbita, podendo até se afirmar quando ocorreu. Contudo, pode-se afirmar que diversas, longas e complexas etapas são processadas do pensamento à fala.

De um modo geral, pode-se dizer que quando Stern construiu sua concepção e evoluiu com seus estudos, não caracterizou a ocorrência da importante fala interior como uma fase mais elaborada do pensamento, rumo a palavra.

Diante de tudo que foi explanado, convém retomar o pensamento e a válida noção sobre os estudos referentes ao binômio pensamento e fala.

Convém ressaltar que ambos passam por várias transformações. A evolução do pensamento não se dá paralelo à evolução da fala - eles podem se encontrar, transcorrer lado a lado, juntar-se, e separar-se novamente. Pensamento e fala têm raízes diferentes.

De igual importância é a noção sobre uma fase pré verbal durante a evolução do pensamento na infância como também, através de estudos feitos por Buehler (1927), a descoberta da independência das reações intelectuais sobre a fala, que, traduz a idéia de que antes do surgimento da fala, a ação se

torna interiormente significativa.

Portanto, a ineficiência de muitos dos estudos, centra-se na concepção de separar totalmente pensamento e palavra, colocando-os como independentes sem que haja alguma contribuição e enriquecimento de um ao outro.

O valor de uma palavra consiste numa mistura tão harmoniosa do pensamento e da linguagem que torna-se difícil salientar de onde ela provém. É notório, que ao tratar sobre palavra, esta sem valor e significado, torna-se um som sem expressão, e, vista pelo prisma da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização e, estes, são inegavelmente pertencentes ao pensamento. "O significado das palavras é um fenômeno de pensamento, apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele" (Vigotsky, 1991, p.104).

A premissa de que o significado das palavras evolui fortalece o estudo do pensamento e da fala. Tais significados das palavras, são, na verdade, criações mutáveis e não estanques. Elas mudam à proporção que a criança desenvolve-se a si e o seu pensamento. Se tal fenômeno ocorre com as palavras, é sinal que a relação entre o pensamento e a palavra também se modifica, portanto, vale frisar, que o desenvolvimento do significado das palavras têm uma íntima relação com o pensamento e conseqüentemente, com a fala.

A idéia principal, quanto a dinâmica do pensamento e palavra, já foi exposta, entretanto, é conveniente ressaltar, que o pensamento, não é apenas expresso por meio das palavras. É também por força delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a unir os fatos e estabelecer as relações entre as coisas. Cada ato do pensamento tende a amadurecer e passar a interagir, solucionando problemas, e, tal caminho, em suas diversas fases, processa-se no interior de cada ser humano, assumindo conseqüentemente, posições exteriorizadas como a fala/palavra.

Agora, tal relação entre pensamento e palavra não pode apenas ser analisado através de tamanha complexidade sem levar-se em consideração a importante FALA INTERIOR, no estudo do pensamento.

A fala interior é antes de tudo, a fala para si mesmo e a fala exterior, é aquela com a qual falamos com os outros. Compreendendo essa posição básica, fica possível analisar que essa diferença tão essencial afeta os dois tipos de fala. A carência de som é apenas uma característica da fala interior - que não é nem antecedente da fala exterior, nem traduz-se como reprodução dentro da memória - "A fala interior não é o aspecto interior da fala exterior, é uma função em si própria" (Vigotsky, 1991, p.113). Com a fala interior, o mecanismo é outro: a fala interioriza-se em pensamento, e desta forma, sua disposição é diferente da fala exterior.

Sendo assim, pode-se compreender que a fala egocêntri-

ca, já citada, é um estágio que precede a fala interior, pois ambas são funções cognitivas, suas disposições são parecidas e a fala egocêntrica desaparece na idade escolar, quando a fala interior entra em cena. Daí, a criança constrói a capacidade de "pensar em palavras" ao invés de simplesmente articulá-las e fica notório que o destino da fala egocêntrica, resulta-se em fala interior.

A fala interior é própria do pensamento. Todo pensamento concebe uma união, ocupa uma função e resolve um problema. O caminho do pensamento não pode ser visto como sendo acompanhado somente pela fala. Tal processo não se dá igualmente. O pensamento tem sua própria formação e a passagem dele para a fala não é um ato de fácil execução.

Essa explanação foi colocada com o intuito de se observar aspectos relevantes ligados ao pensamento e a linguagem, pois não haveria sentido elaborar um estudo da gagueira, sem antes ter tal embasamento teórico.

Ao abordar a gagueira, parte-se de estudos sobre suas aparências, pois, pouco sabe-se sobre sua origem desenvolvimento, fato que embaraça, algumas vezes, certas abordagens terapêuticas, devido a análise de dados externos apresentados pela manifestação da mesma.

A gagueira é um fato e muitos autores de diversas teorias concordam quanto a sua ocorrência. A divergência consiste nas causas a elas atribuídas.

As teorias foram assim divididas: teorias orgânicas, teorias psicológicas, teoria social e teoria da aprendizagem. A teoria orgânica, se refere a causas neurológicas, ligando a gagueira à epilepsia, afasia ou a causas congênitas que predisõem sua manifestação. A teoria psicológica, analisa a gagueira como resultado de problemas intrapsíquicos. As teorias sociais, concebem a manifestação da gagueira não no indivíduo, mas no conjunto de suas relações com os outros. E as teorias da aprendizagem, descrevem a gagueira como fruto de um processo adquirido pela criança ao longo do seu desenvolvimento.

As correntes teóricas acima citadas possuem notório valor para a compreensão da gagueira, porém, quanto ao pensamento, o que tem ele de ligação com a manifestação da gagueira?

Diante de tudo que foi explanado a respeito da relação pensamento-linguagem-fala, chegou-se a idéia de que a tão importante capacidade de expressão através das palavras é o resultado da inter-relação entre o pensamento com a linguagem, e que é difícil saber de quais das partes a palavra provém.

Assim, a análise da pergunta acima, nos sugere perceber a fala como um rico fenômeno desse pensamento, e a gagueira poderia ser considerada então como uma igual manifestação da fala. Porém, como esta expressão foge a regra do "falar bem", implica imediatamente no pressuposto de que algo ocorre no interior do sujeito falante, para que ele não con-



siga expressar-se oralmente, sem discriminações.

Segundo Silvia Friedman (1986), a manifestação da gagueira, através da história do desenvolvimento da fala da pessoa gaga é uma forma própria que a atividade de fala se afirma e, para ser compreendida, deve ser vista sob todos os aspectos ligados ao desenvolvimento do pensamento, até o momento da execução oral de uma palavra.

Para Krause (s/d), a gagueira é um distúrbio que ocorre na infância, inicia-se e desenvolve-se ao mesmo tempo em que a fala começa a ser adquirida, vinculada a transmissão de valores e expectativas dos pais, com relação a aceitação destes, a forma pela qual a criança se expressa.

É necessário, também destacar o valor sócio-histórico que o ato de pensar assume diante da vida e em tudo que nela realiza-se.

As idéias de Krause (s/d), bem como valorizando os pontos de vista de Johnson e Wishner (s/d), expressam que uma atitude negativa dos pais, ou expressões de desagrado destes, quanto as disfluências da fala de suas crianças, levam estas a introjetar um sentimento negativo diante do processo desencadeador de sua fala, gerando a gagueira.

Tais sentimentos negativos estão inseridos dentro de um processo histórico, no qual a ideologia do bem falar, faz parte do processo de relações de comunicação nos quais a

criança está envolvida. A ideologia se afirma, quando os indivíduos entendem a gagueira como estigma ou algo indesejável. Desta forma, não é apenas o rótulo que a fala assume enquanto gagueira, mas, principalmente uma atitude de não aceitação da forma de falar da criança.

Um ponto importante a ser mencionado em relação a essa atitude de exigência quanto a fala da criança é que ela se afirma como mensagem "metalingüística" (Silvia Friedman, 1986), uma vez que só se preocupa com a fala em si, negligenciando que esta também pode não ser totalmente operacionalizada pela criança, cujo pensamento é mais concreto e prático, como traduziu Piaget. Assim, certas exigências para que a criança fale corretamente configuram-se como acima de seu alcance e, conseqüentemente, a criança sob pressão externa e interna não afirma sua fala espontânea, resultado de todas suas anteriores etapas de pensamento, e sim, desenvolve uma culpa, tensão e expectativa que, naturalmente desencadeiam o processo da gagueira.

É muito importante o estímulo do ambiente na valorização da espontaneidade que a criança traz consigo em relação a sua fala, não impondo restrições a esta etapa tão importante para sua vida.

Neste contexto, não podem haver situações que gerem na criança a sensação de culpa (por estar cumprindo cada etapa interna inerente ao desenvolvimento do seu pensamento) ou de expectativa de não cometer erros durante a exposição verbal.

O fator tensão, caracterizado por Meira (s/d), também assume papel de grande destaque nesse período tão importante para a criança. Segundo ele, o aumento da tensão por parte da criança, gera em seu pensamento um bloqueio que de algum modo interfere em sua fala natural e ao "sinergismo" (ação simultânea) necessário a atividade da fala.

Igual valor deve ser dado ao período de desenvolvimento ou apropriação da linguagem, pois, esta desencadeia na criança, através de sua fala, um período de compreensão da realidade e de desenvolvimento de sua consciência dentro desta. Assim, a linguagem em todo seu complexo, oferece a criança a chance de interagir em seu meio, desenvolvendo sua consciência, compreendendo paulatinamente o mundo que a cerca e colaborando assim para a criação de sua identidade diante da vida.

Para complementar as explicações, faz-se conveniente citar que o adjetivo "mau falante" (Silvia Friedman, 1986), designado para crianças com disfluências pode ocorrer no quarto ano de vida desta. É nesta fase, que a capacidade da criança em representar o mundo, de formar uma consciência da realidade, torna-se possível conjuntamente com a capacidade de articular sons. É também esse o período em que a criança organiza suas percepções para perceber as situações do tipo: presente, passado, futuro, sua vida prática vai desenvolvendo-se gradativamente e podem ser assoladas por estigmas ideológicos defensores da "forma de falar bem". Na medida em que esta ainda não tem condições de questionar tal situação, po-

derá ocorrer a negação interior de sua capacidade articulatória e o desenvolvimento da dúvida e do medo de falar.

Quanto mais a auto imagem do falante for exigida em termos da capacidade de "falar direito", "devagar", maior tensão, medo, culpa e expectativa estará envolvendo aquele que fala, provocando a manutenção da gagueira.

Se levarmos em conta também que no período em que a criança começa a falar, todo seu complexo sistema de comunicação não verbal está em pleno desenvolvimento e esta faz uso de padrões de comportamentos expressivos não vocais, ligados ao afeto, a não aceitação de sua forma de falar também pode ser comunicada não verbalmente, induzindo assim a uma maior ativação emocional por parte do falante.

Tal estudo quis ressaltar que os fundamentos de tal comportamento embasaram-se no fato da existência de uma perspectiva histórica em todos os processos vividos pelo homem, tanto em sua ordem interna como em sua ordem vivencial. Dentro disso, situa-se a gagueira, como produto de um processo ideológico, no qual a criança em suas situações de vida, pode vir a introjetar uma imagem de si como má falante, fixando-se nisso de tal forma que essa idéia fortaleça a gagueira, desta maneira, atrás da manifestação da gagueira, revela-se o movimento do pensamento, tanto do que foi ideologicamente imposto, quanto dentro das relações de comunicação ocorridas na infância que, em decorrência, ocasionou certos tipos de comportamento à atividade da fala.

Por outro lado, que também merece ser visto, se a gagueira é uma categoria da fala que instala-se em algumas pessoas, pode-se compreendê-la como pertencente a todo o complexo da linguagem e que é na história do desenvolvimento deste grande complexo, que poderá haver um meio de melhor encará-la. Se cada fenômeno que acontece em nosso mundo pode ser encarado como um momento pertencente a um todo, a gagueira entendida como momento da fala pode ser analisada dentro do desenvolvimento da linguagem em seu todo, pois, de posse dessa compreensão, pode-se tentar fazer um trabalho que dê a gagueira a possibilidade de converter-se ao outro plano da fala, sem traumas e estigmas ao falante.

#### **4 - ALGUNS INDICADORES DA LINGUAGEM ORAL E SUA RELAÇÃO COM A GAGUEIRA (DISFEMIA).**

Para se abordar a linguagem oral faz-se imprescindível retomar aspectos do capítulo anterior.

Quando se aborda o campo da palavra, não se pode deixar de mencionar o valor desta enquanto parte do domínio da comunicação humana. Por assim dizer, a palavra não se constitui isoladamente, cada palavra é uma generalização e tal estado traduz que o ato do pensamento deve ter em si consistência adquirida através da sua passagem pelas diversas etapas concernentes ao seu desenvolvimento.

Portanto, uma palavra sem valor de significado é um som sem expressividade que, logicamente, não configura-se como forma de comunicação humana e nem propicia o tão importante intercâmbio social.

Piaget, que estudou indicadores sobre a palavra, enfatizou a noção de que as crianças com menos de 7 ou 8 anos não possuem a tal atividade social intensa e a forma de linguagem social e atividade rica para elas é o brinquedo e toda sua simbologia de gestos, movimentos, sons. Entretanto, quando aos 7/8 anos começam a surgir as primeiras aspirações de compartilhar a vida com os outros, a fala egocêntrica vai desaparecendo, sem causar danos à criança, apenas enfraquecendo-se próximo a idade escolar.

Nesse intervalo, foram desenvolvidas com crianças atividades relacionadas com a fase estudada, colocando-as frente a resolução de problemas. No fluxo regular da atividade, essa experiência possibilitou a aproximação da concepção de Piaget sobre a chamada "Lei da Consciência" (Vigotsky, 1991). De acordo com tal concepção, tais obstáculos despertam a consciência da atividade e proporcionam indicadores de que a fala seria uma manifestação desse processo de conscientização.

Por outro lado, também é importante ressaltar, Piaget destaca que as raízes pré-intelectuais da fala tais como, o balbúcio, o choro são, antes de tudo, estágios da evolução da fala. Porém, é num dado momento (mais ou menos 2 anos de idade), que as curvas da evolução do pensamento e da fala, até

então separadas, encontram-se para iniciar uma nova forma de comportamento: a vontade de dominar a linguagem. Diante disso, o relato de Willian Stern evidencia a vontade que a criança tem de dominar os fatos da linguagem e de que cada coisa tem seu nome.

Esse momento é o tal instante crítico, defendido por Stern, que baseia-se em dois pontos: na curiosidade repentina da criança sobre cada aspecto novo e a conseqüente ampliação do seu vocabulário.

Portanto, para enfatizar tal segmento, não será enganoso afirmar que constitui-se como fenômeno do pensamento verbal ou da fala significativa uma união da palavra e do pensamento. Assim, acerca do que até agora foi exposto, pode-se afirmar que "A verdadeira Comunicação requer significado - Generalização tanto quanto signos (Edward Sapir, s/d). Tal conceito de generalização baseia-se, fundamentalmente, no progresso do significado e alcance da palavra. Assim, quando a realidade é bem apreendida pelo ser humano, conseguindo, por assim dizer, através do seu pensamento refleti-la de maneira conceitualizada, concretiza-se uma grandiosa forma de comunicação humana. Essa é uma das razões pelas quais se faz necessário possibilitar a formação de conceitos através de desafios (preparações) que ampliam a construção das idéias e pensamentos.

Como afirma Tolstoi (s/d), as crianças sentirão dificuldade de aprender e utilizar a palavra nova, devido a falta

do conceito que tal palavra se refere e não ao tão discutido valor do som - "o que elas precisam é de oportunidade para adquirir novos conceitos e palavras a partir do contexto linguístico em geral".

Através das correntes teóricas escolhidas, pode-se oportunamente, analisar a manifestação da gagueira como fenômeno da expressão oral.

Segundo Silvia Friedman (1986), esta proposição é de fato coerente, quando analisada de um ponto de vista no qual a gagueira (indivíduo que gagueja) opõe-se a um padrão médio de fluência.

Vale, ainda ressaltar diante desse fato, que a maneira de analisar a gagueira como fruto de uma ideologia oportuniza certo embasamento ao estudo, entretanto, se faz necessário analisar o seu contexto geral de produção e manifestação.

Pode-se dizer que é na primeira infância que ocorrem as primeiras relações de comunicação, e, muitas vezes tais tentativas de comunicação são fragmentadas em decorrência de uma não estimulação derivada, geralmente, por aqueles que lidam com a criança. Estas se caracterizam por reações de não aceitação da forma de falar da criança, ao mesmo tempo que não apresentam uma proposta de encarar tal processo.

Como exemplo dessas reações, citam-se as frases: "fale devagar, pausadamente, acalme-se...". Estas atitudes, fazem



com que a criança, ao tentar usar as palavras, dê uma grande atenção a sua fala (que ainda constitui-se em área desconhecida para ela), podendo acarretar dificuldade na expressão oral.

É importante frisar que para a criança tais oportunidades de expressão oral são valiosas ao seu crescimento, contudo, como esse período, corresponde àquele em que a criança está em desenvolvimento tanto de sua fala como de sua identidade, tal exigência de falar bem é incorporada pela criança sob a forma de que ela não é boa falante, englobando esta sensação a sua identidade em formação e aumentando a dificuldade ao falar.

Tal exigência, impede que o processo se dê naturalmente, causando um lapso ao desenvolvimento da criança e oportunizando condições para que a gagueira se desenvolva e desencadeie uma série de dificuldades para a criança, tanto na vida como na escola.

Silvia Friedman (1986) destaca também que a gagueira não deve ser medida pelo seu nível de audibilidade, mas sim, pelo emprego de força que a pessoa desprende para não gaguejar. Essa é uma das razões pelas quais pode-se dizer que além da tensão embutida nesta ação, a tentativa de disfarçar a existência de uma fala com dificuldade, mais ressalta e produz o ato de gaguejar.

Constata-se, na realidade, que o processo da gagueira, enquanto fala exteriorizada, baseia-se no princípio básico da ativação emocional. Quando o pensamento se transforma em fala exteriorizada, e, como linguagem oral geralmente é discriminada, ou melhor, não é aceita em suas primeiras manifestações, todo o processo de assimilação negativa gera no ser falante a dificuldade de expressar-se oralmente.

Os estudos feitos por Silvia Friedman (1986) mostram que o desconhecimento das causas do surgimento da gagueira, viabilizam acreditar primeiramente no processo do pensamento e linguagem - enquanto desenvolvimento inerente a todo ser humano - bem como, seguidamente traduzir o interesse em se estudar todos os fatores exteriores (condições psicossociais) que envolvem o ser falante, propiciando, desta forma, o agravamento ou o desencadeamento da gagueira.

Já Regina Jakubovicz (1986) - considera que:

"uma definição se deve ater a traços distintivos. Como indivíduo que fala é um todo, devemos definir a gagueira usando fenômenos observáveis e não observáveis. Como fenômenos observáveis, audíveis e visuais podemos ter alguns como: a) repetição ao nível do fonema, da sílaba ou do sintagma; b) alongamento dos sons; c) falha no ritmo; d) falta de sincronização entre a respiração e a fonação; e) distorções faciais e corporais e esforço motor durante a fala;

Como fenômenos emocionais, não observáveis, temos: a) medo das palavras; b) sentimento de frustração e vergonha; c) falta de confiança na sua habilidade para falar; d) embaraço, tensão, irritação e confusão."

Assim subjacente a manifestação da gagueira revela-se a ação do pensamento, como também uma argumentação de um campo ideológico estabelecido norteando o que é certo e o que é errado diante das comunicações ocorridas na infância, determinando os tipos de comportamentos ideais à atividade da fala.

Aliado a esses aspectos anteriormente citados coexiste a noção de que ao se falar "mal", produz-se na consciência uma negação da forma da fala aceita socialmente e cada vez mais afirma no falante gago uma necessidade de falar corretamente de acordo com a ideologia do "falar corretamente", estabelecida pelo status quo.

Sendo assim, convém esclarecer que a verdadeira etiologia da gagueira ainda não é conhecida. Contudo, os autores especializados afirmam que a gagueira não é uma enfermidade, mas sim, um comportamento que se pode estar sendo gerado por várias causas.

Entretanto, vale adicionar ainda, que a atividade da fala normalmente acontece, sem que precise haver tamanha preocupação, caso contrário, tal preocupação com a maneira de falar ligada a não perfeita execução do ato, causam danos a evolução natural do falante. Como a fala é considerada como a manifestação do pensamento verbal bem desenvolvido, e para que esta se desenvolva de forma natural, sem barreiras externas e internas faz-se mister a compreensão de que todo esse

fenômeno complexo deve fluir de modo harmonioso, respeitando as etapas naturais e subjacentes a cada um falante tanto no que se refere ao aspecto individual como no aspecto mental, propiciando um espaço saudável a exteriorização da expressão oral.

Outra característica analisada por Silvia Friedman como importante dentro desse contexto, é a auto imagem daquele que fala, não devendo esta ser "agredida", a fim de que a confiança se firme e propicie um bom quadro de desenvolvimento do ato de falar.

Fica enaltecido diante de toda esse trajetória, e segundo Léslie Piccolotto (1991), que o homem em sua totalidade e por existir no mundo, tem a necessidade de pronunciar seu discurso e o direito de fazê-lo a fim de compreender e interpretar a si mesmo e ao seu mundo.

Em se tratando de criança esta pode e deve comunicar-se e tal comunicação envolve essa possibilidade de conscientizar-se através de suas primeiras formas de discurso, que conseqüentemente, se desencadearão para um discurso mais articulado, expressivo e sem dificuldades de formalizar sua linguagem oral.

é oportuno acrescentar a importância que foi dada a atuação do ambiente diante da criança e, como traduziu Léslie Piccolotto, tais ações de fala devem ser propiciadas por uma integração em que as trocas sejam baseadas no afeto e no in-

telecto, transformando o contexto ambiental numa fonte de descobertas livre de estigma e julgamento dos adultos.

Outro ponto que merece ser abordado é que na escola e na família, muitas vezes o mais valorizado é o desenvolvimento da linguagem oral, porém, deve existir peso semelhante em relação a preocupação com a voz da criança, porque para esta, além de causar problemas internos como: vergonha, medo de falar, auto imagem abalada e tensão, podem desencadear problemas externos de comunicação.

Acredita-se que uma das barreiras para se efetivar um trabalho preventivo, de conscientização da importância do poder comunicar-se no mundo, são certos conceitos introjetados dentro de instituições e famílias que, muitas vezes, não possibilitam essa troca de maneira espontânea, num ambiente confiante e de forma criativa.

Pode-se afirmar com certa exatidão que existem muitos casos de gagueira em seus diversos estágios de desenvolvimento porém, a mensagem de grande validade, consiste em que para minimizar tais quadros o que é imprescindível é a postura de respeito diante de tais manifestações, ou melhor: diante de cada tentativa de fala e comunicação.

## 5 - SITUAÇÕES DE VIDA COTIDIANA QUE INTERFEREM NA GAGUEIRA

Os estudos sobre o assunto têm demonstrado que a incidência da gagueira norteia duas fases mais propícias que podem ser chamadas de críticas. São elas: a fase dos três anos de idade, fase esta, na qual a criança começa expressar sua linguagem de forma mais organizada e, conseqüentemente, utilizá-la no diálogo com outras pessoas - e a fase do início da escolaridade formal - aproximadamente aos seis anos de idade. Para melhor explanar sobre o parágrafo acima é necessário enfatizar que a gagueira, como qualquer fenômeno da linguagem, possui certas características que se englobam a cada fase do desenvolvimento da criança diante de sua vida e de suas relações de comunicação. Segundo Bloodstein (s/d) a primeira fase desse fenômeno, inicia-se entre dois e três anos de idade. Para ele, tal distúrbio pode ser periódico, ou seja, a criança pode ter períodos de grande facilidade de fala. É principalmente nesta fase que tanto pais e/ou responsáveis quanto educadores devem se conscientizar quanto a seus papéis de estimuladores do crescimento dessa criança, esforçando-se para não estigmatizar e/ou ressaltar qualquer dificuldade manifestada pois, esse período possibilita grande chance de recuperação espontânea. Nesse contexto de vida, possuindo ou não um ambiente estimulador ou de aceitação, a criança gagueja quando quer falar muita coisa de uma só vez ou quando aparenta excitação, aborrecimento ou tensão. Ainda nessa fase da vida da criança, salienta-se a idéia de que elas não se preocupam com a gagueira. Isso freqüentemente ocorre pelo fato de suas

repetições ainda não serem totalmente conscientes - porém, na medida em que frustrações, estigmas e indignações, quanto a sua fala, vão surgindo, elas começam a reagir por não conseguirem se comunicar de acordo com o padrão de fala exigido pelo contexto social.

A segunda fase, para Bloodstein (s/d), situa-se na faixa dos quatro anos nesse período os padrões de incidência já começam a trazer consigo vestígios de uma fase anterior não muito entendida ou encorajada pois nota-se poucos períodos de fluência e a criança gagueja quase o tempo todo. O referido autor ressalta que nesta ocasião, a criança já se percebe como gaga e começa a formar uma opinião negativa sobre si mesma. Entretanto, apesar de certos rótulos e dessa imagem ela ainda não se percebe em relação a sua dificuldade de fala, o que frequentemente acarreta um aumento da gagueira, principalmente nos momentos de excitação interior, provocada por alguma situação exterior de vida e de comunicação. A terceira fase para ele, corresponde a dos seis anos em diante, período em que a gagueira ainda sob leve e remediável incidência, dependendo de como foi anteriormente considerada, pode desencadear-se em situações sociais propícias para a instauração de uma gagueira crônica. Estas situações podem ser exemplificadas por comportamentos do tipo: medo das palavras, dos sons, truques de linguagem, evitamento de situações de comunicação e tensão. Tais fatos podem levar o indivíduo se tornar cada vez mais sensível perante as situações de comunicação inerentes e imprescindíveis à vida cotidiana.

Desta forma, pode-se evidenciar que as reações psíquicas geradas pelo ambiente e pelas relações de vida, possuem forte poder influenciador sobre os atos da fala.

Entretanto, não é enganoso acrescentar que quando estas relações de vida cotidiana, tanto no lar (família) quanto na escola, ocorrem de tal forma que haja apenas mínimos prejuízos àqueles que nela circundam, o caminho parece ser mais propício a certas reações psíquicas que possam vir interferir adequadamente na condição essencial de troca humana.

Por outro lado, quando nesse meio instalam-se castigos, deboches, comportamentos punitivos acarretando na criança certa vergonha e medo de falar, há grande chances de aumentar essas reações psíquicas, impeditivas do pleno desenvolvimento e, cada vez mais enredadas à vida sócio-afetiva da criança. Esta, acaba por ficar temerosamente influenciada pelo medo de falar, o que pode aumentar de forma vertiginosa sua dificuldade de expressar-se, possibilitando que a gagueira situe-se em um patamar bem elevado. Esse ambiente facilita o desenvolvimento de grande timidez, solidão interior e reservas no que tange a necessidade de falar. Assim, sujeita a todos esses sentimentos de inferioridade, envergonhada de sua fala, adota a criança, uma atitude anti-social, e que, sem dúvida, acarreta problemas familiares mais intensos e dificuldade na aprendizagem, bem como no convívio social, necessário a seu contínuo e pleno desenvolvimento.



Esta é uma razão para se afirmar que o papel do meio é valioso. Se o ambiente em que a criança gaga vive é ansioso, tenso e intolerante, provavelmente interferirá nesta criança em muitas etapas de sua vida.

Por conseguinte, se faz importante caracterizar algumas importantes noções sobre as primeiras estâncias de contatos sociais para a criança. Por ordem, tem-se a família - pais responsáveis. Vale dizer que estes, ao adotarem em comportamento de coação, ansiedade ou raiva frente as particularidades de fala da criança, podem propiciar a tal criança um estado de desarmonia e conseqüente aumento de sua dificuldade para expressar-se por meio da fala.

De fato, o meio familiar tem um papel fundamental para a estabilidade emocional da criança em muitos sentidos, mas principalmente em relação ao seu posicionamento e sua comunicação com o mundo.

Um universo familiar estável e unido (premissa ideológica de família como unidade solidária), mas onde são assumidas posturas severas em relação as primeiras passagens da gagueira, juntamente a um clima de não aceitação e ansiedade dos familiares a essa criança só faz aumentar tal dificuldade.

Norteando esse fato, acredita-se que há crianças que mesmo com tais características gagas, situam-se num estado de não entendimento de seu problema o que possibilitaria uma

imedíata ação de reversão dos fatos, por meio de uma melhor compreensão da situação.

Em segundo lugar, verifica-se forte implicação entre a gagueira e o meio escolar. É na escola, primeiramente, na pré-escola e classes de alfabetização, locais onde ocorrem os primeiros contatos com a professora e com outras crianças da mesma faixa etária. E da mesma forma, como no meio familiar, a escola, em todas as suas primeiras séries, deve propiciar a criança um ambiente saudável, pleno de oportunidades, enriquecedor, construtivo e não apreensivo e restritivo/limitador.

Muitos "falares" definidos como gagueiras configuram-se e desenvolvem-se também nesta fase de vida em decorrência desse ambiente escolar desfavorável, aliado ao fato de alguns professores ignorarem tal dificuldade ou desejarem ignorá-las. Esta atitude é freqüente diante dos relatos orais dessas crianças. Assim, com medo de gaguejar, a criança emudece-se, o que a faz ser mal interpretada e sentir-se um pouco frustrada.

Mas, é sobretudo dos colegas de classe que a criança gaga sofre, pois se depara com imitações, zombarias e gozações. Desse fato pode resultar em marginalização da criança, ou seja, é posta à margem do grupo, afastada das demais crianças, isolando-se e retraíndo-se.

Grande parte dos professores conscientes e sensíveis

em relação a esse momento crucial na vida da criança gaga, tenta inverter a situação, dando a essa criança mais conforto e segurança não fazendo-a se sentir diferente ao ser "protegida", mas, fazendo-a sentir-se envolvida no grupo. Outros professores, por total falta de conhecimento pedagógico e psicológico, não tomam as mínimas precauções e que pode provocar e intensificar possíveis traumas na criança.

Mais tarde, a gagueira pode desenvolver-se em situações cada vez mais variadas, estendendo-se desde competições (situações de tensão) ou mesmo frente a quaisquer contatos humanos.

É importante esclarecer que a criança gaga geralmente não gagueja continuamente. Ocorre ampla variação conforme o grau de intensidade, as situações e expectativas pelas quais vive em determinados momentos.

É conveniente frisar, ainda que, muitas crianças gagas não se incomodam ou parecem não se incomodar com sua gagueira. E daí, é necessário que as pessoas que participam do seu meio tenham sensibilidade de não ressaltar tal situação. Estas crianças podem evoluir sem maiores danos ao seu comportamento e ao seu desenvolvimento da linguagem e personalidade. Outras, por sofrerem com as cobranças provenientes daqueles que participam das situações de vida com elas, precocemente tomam consciência do problema e desenvolvem-se exacerbando a dificuldade.

Silvia Friedman (1986), traduz de forma veemente que, diante das relações de vida e conseqüentemente das relações interpessoais, a construção de si como mau falante exerce grande influência para a consolidação da gagueira.

Freqüentemente, o falante é exposto a situações de vida cotidiana que exigem um "falar com fluência". Entretanto, quando isto não ocorre, alia-se a tal comportamento pressões exercidas pelo pai ou pela mãe e/ou familiares que o induzem a falar corretamente ou pausadamente. Vendo-se reconhecido pelo meio como pessoa que gagueja, tal condição passa a se constituir como verdade, propiciando o fortalecimento do chamado "embaraço fônico".

Na escola, muitas vezes, a professora impede a criança de usar sua fala por considerá-la custosa e sofrida. A compreensão por parte da criança sobre esta atitude é a de que seu tipo de fala não é aceito.

Outro aspecto muito realçado por Silvia Friedman consiste na idéia do sentir-se gaga em algumas situações e espontânea em outras (criança), duas práticas que claramente dependem de suas relações com o meio e com as situações de vida nas quais tal criança esteja inserida. O primeiro ponto de ligação dessa idéia consiste na noção de identidade e no modo em que a criança tem de se apresentar na vida cotidiana, sendo aceita ou não. O segundo, liga-se ao desempenho de um papel de negação dessa personalidade, dessa identidade e, logicamente, de sua fala adotando comportamentos que não são

seus, devido a medo, vergonha e tensão gerados pelo grupo social. E, tais relações interpessoais são fundamentais na formação dessa identidade.

Neste contexto, aproveitamos a afirmação de Bernstein (1977) para situar nossa posição: "Se a cultura do educador torna-se parte da consciência da criança então a cultura da criança precisa primeiro estar na consciência do educador".

## 6 - CONCLUSÃO:

### 6.1 - Alguns indicadores que aceleram o processo da gagueira:

Tendo em vista toda a abrangência e dificuldade do assunto em estudo, bem como a contínua falta de conhecimentos fidedignos sobre a origem da manifestação da gagueira, conclui-se, segundo Silvia Friedman (1986) que a ocorrência da gagueira, além dos fatores sociais que nela interferem, é devido, em grande parte, a uma base emocional contaminada.

Afirmar que a gagueira (disfemia) é um fato, parece ser para os estudiosos do assunto, lugar comum, porém, a maneira de desenvolver ações, tratamentos, por parte dos que lidam com a criança é que produzirá grandes efeitos (positivos ou negativos) sobre o desempenho dessa criança.

Segundo as análises de Silvia Friedman (1986), esse

modo de perceber a gagueira como fruto de uma não aceitação da mesma, por razões ideologicamente impostas pela sociedade, através do cultivo do que é perfeito e belo, enfoca o produto, mas não vê seu processo de produção. Na visão da autora, o falante é isolado do seu contexto de vida, sobrando a luta para manter as aparências de sua manifestação oral. Relega-se assim a oportunidade de conviver de forma adequada, com a sua forma de se expressar.

Essa perspectiva está centrada na noção de olhar a pessoa que gagueja em oposição àqueles que se comunicam, seguindo um padrão médio ou normal de fluência verbal.

Dessa discriminação em relação ao falante geralmente surgem poucas oportunidades para que a criança possa diminuir mais sua dificuldade de falar.

São nos períodos relacionados com a primeira infância que ocorrem a maioria dessas relações paradoxais. Estas ações se caracterizam pela não aceitação da forma de falar apresentada pela criança sem que sejam mostrados caminhos para minimizar tal dificuldade ou encaminhar a situação a um desenvolvimento positivo.

Assim, tais ações, podem ser introjetadas ao pensamento (consciência) da criança, de tal forma e intensidade, que o movimento de consciência produza cada vez mais a manifestação da gagueira, sem que a criança possa se defender - causando-lhe contínuos danos.

Autores enfatizam não só os danos causados a criança pelo destaque dado a sua manifestação de gagueira (tanto na vida como na escola), como também acrescentam o poder destrutivo que essa idealização de si como sujeito mal falante, traz ao desenvolvimento da criança diante de todo seu processo de vida e relacionamentos.

A criança precisa e tem o direito de comunicar-se, segundo Léslie Piccolotto. Contudo, mesmo nos momentos em que está apresentando a gagueira - tenta comunicar-se sendo reparada ou repreendida, conseqüentemente, uma tensão interior será gerada e quando a necessidade de falar surgir (e surgirá, pois ela está em pleno desenvolvimento), a manifestação da gagueira virá à tona, cada vez, em diferentes graus.

O desenvolvimento e fixação da gagueira como tal, é presente e viável, como qualquer outro pressuposto de origem biológica - segundo os autores.

Porém, não é enganoso esclarecer que a disfemia também pode ser desenvolvida e consolidada pelo meio, caso seus participantes não compreendam que pelo fato de a criança estar manifestando a gagueira, algo de construtivo, harmonioso e consciente precisa ser feito e não serão atos de repreensão de deboches ou de discriminação que farão a gagueira estacionar, reduzir-se ou reverter-se na criança. Pelo contrário, esses atos só propiciarão a uma fonte de negação dela enquanto falante sendo criados obstáculos para o alcance da fluência (em oposição a desfluência).

## 6.2 - Alguns indicadores que auxiliam na redução da gagueira:

Ao abordar o tema gagueira (disfemia), é imprescindível reafirmar que ela se constitui num fato que pode ocorrer na vida de muitas crianças, jovens e adultos, independente da cor, raça, sexo ou classe social na qual o indivíduo possa estar inserido.

A gagueira (disfemia) é um distúrbio da comunicação que pode manifestar-se sem que se localize a sua origem. Esta é uma das razões pelas quais muitos autores ainda não podem garantir sua procedência. Sabe-se que ela inicia-se na infância da criança (primeiras relações de comunicação) e pode se consolidar por toda adolescência e puberdade caso não seja bem analisada e tratada em seus primeiros indícios, ou seja, diante da fala da criança.

Os autores são unânimes em considerar o fator emocional como mola propulsora para desencadear ainda mais o processo para o desenvolvimento do distúrbio. Entretanto, nenhum deles nega a parte biológica do processo, salientando, desta forma, a necessidade de terapia ou cuidados específicos que evitem o desenvolvimento e solidificação desse distúrbio na vida da criança.

Os cuidados e terapias precisam se basear na compreensão da gagueira em toda sua totalidade, não encobrindo-a ou



negando-a em sua manifestação, mas sim, aceitando-a e trabalhando-a conscientemente em todo seu contexto.

Sendo assim, para se trabalhar com a gagueira deve-se primeiramente ter uma atitude de aceitação quanto a ela - tanto no universo familiar, quanto na escola. Essa condição, segundo os autores, é imprescindível, para se traçar as trajetórias do processo terapêutico.

Falou-se muito até então na importância da família nuclear meio social na vida dessa criança, porém, há também uma grande necessidade de se focar os profissionais que lidam com esse tipo de problema, como por exemplo, os professores que por serem importantes e marcantes na vida da criança, muitas vezes acabam reproduzindo os mesmos comportamentos e atitudes da família, frente a criança gaga.

Para tanto, cabe ao educador, a noção primeira de que a gagueira não pode ser vista como uma patologia geradora de discriminação e estigmas. Ela é um distúrbio, porém amplamente tratável, e tal condição básica de tratamento é a aceitação e o amor dedicado a essa criança, que em nada deve ser vista como diferente.

O ambiente escolar a ser construído pelo professor, precisa ser de ludicidade e de cooperação com todos os alunos e seu comportamento diante da criança gaga deve ser natural, baseando-se no respeito à forma de fala apresentada pela criança. Segundo os autores, essa atitude desencadeia na

criança maior autoconfiança, constituindo-se assim em um dos principais fatores de melhoria.

O papel dessa boa e positiva auto-imagem e confiança de si como bom falante favorecida pelo professor é construtiva e possível nos momentos relacionados com o espaço oferecido a esta criança para expressar-se livremente, sem medo de repreensões de deboches ou apelidos. Outro momento de incomparável importância, é a união natural dessa criança com as demais, formando o grupo escolar, o grupo de brincadeiras, de leitura e recreação. Em suma: ela deve sentir-se igual, porque muitas das vezes ela chega na escola "bombardeada" pelos comportamentos negativos de sua família em relação a sua forma de fala e, de alguma forma, ela introjeta tal sentimento dentro de si o que pode prejudicá-la em seu desenvolvimento na escola, caso os integrantes da instituição não estejam preparados para recebê-la e aceitá-la.

A desmistificação da auto-imagem, segundo Silvia Friedman, significa - o desfazer da dúvida sobre sua capacidade de articular a fala - ideologicamente criada pelo meio - que estimula somente aquilo que soa perfeito.

Cabe àqueles que lidam com criança que apresentam a gagueira, no caso, educadores, enfatizar a existência dos momentos fluentes, dirigindo normalmente a estas, palavras de incentivo, encorajamento - sem usar de paternalismos - pois, se a criança deve ser considerada normal, merece, antes de tudo, respeito a sua individualidade como também coerentes

advertências normativas que fazem parte do seu contexto educativo.

É importante para o professor saber se posicionar frente a esse problema, pois como alguns autores relatam, a criança disfêmica possui plena capacidade cognitiva, e a atitude do professor, enquanto educador, deve consistir em facilitar e instigar na criança sua competência para expressar-se, em todas as atividades possíveis.

Com atitudes desse tipo, a criança vai compreendendo aos poucos, que ela é capaz de realizar a comunicação, as tarefas e também se percebe como integrante e importante em seu meio.

Léslie Piccolotto aborda a importância da exploração e o conhecimento do espaço físico em todos os sentidos, devendo este ser utilizado de forma ampla e integral para o crescimento da criança.

Para que as oportunidades de desenvolvimento ocorram é preciso estimular uma modificação na postura desse profissional, mudança esta que deve favorecer a criança a manifestar-se espontaneamente, respeitando cada falar.

O professor como qualquer outro profissional da área, deve conscientizar-se de que um objetivo de seu trabalho pedagógico é propiciar o desenvolvimento da linguagem da criança, oportunizando assim, a aceitação do outro como ele se

apresenta, sem obrigar a criança a se utilizar de rígidos padrões de comportamento. Finalmente, necessário se faz enfatizar que a disfemia não pode ser vista como patologia, mas sim, como uma forma de expressão.

A essas crianças não se deve oferecer "programas compensatórios" (Bernstein, 1977), mas sim programas adequados que as estimulem, enriqueçam, fortaleçam, sem haver discriminações, e sobretudo, que as façam acreditar em si mesmas, evoluindo sempre e participando integralmente do seu meio e sociedade em que vivem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BECKER, Magda. A consciência fonológica em crianças das classes populares. Revista brasileira de estudos pedagógicos, n. 164.
- 2 - BORDENAVE, Juan Dias. O que é comunicação. 11. ed., São Paulo : Brasiliense.
- 3 - FREITAG, Bárbara. Alfabetização e linguagem. Revista brasileira de estudos pedagógicos.
- 4 - FRIENDMAN, Silvia. Gagueira: origem e tratamento. São Paulo : Summus, 1986. 143 p.
- 5 - KATO, Mary A. Aspectos lingüísticos nos problemas de aprendizagem. Boletim, v.4, n.8, ago.1985.
- 6 - LAMAS, Denise. Criança e pré-escolar. Rio de Janeiro : Jotaessi, 1988.
- 7 - MASSADAR, Claudia Toledo. Família e problemas de aprendizagem. Boletim, v.6, n.13, jun.1987.
- 8 - MORO, Maria Lucia Faria. Aprendizagem operatória: a interação social da criança. São Paulo : Cortez.

- 9 - NOVAIS, Maria Helena. Psicologia do ensino - aprendizagem. São Paulo : Atlas, 1986.
- 10 - PICCOLOTTO, Leslie. O fonoaudiólogo e a escola. São Paulo : Summus, 1991. 132 p.
- 11 - VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo : Martins Fontes, 1991. 132 p.